

## REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NA REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA (1939-1944)\*

**Jéferson Luis Staudt**

*jefersonstaudt@feevale.br*

**Magna Lima Magalhães**

*magna@feevale.br*

**Universidade Feevale**

### RESUMO

Este estudo propõe algumas reflexões sobre as representações da mulher negra na Revista Educação Physica no período de edição técnica de Francisco de Assis Hollanda Loyola (1939-1944). Com base na História Cultural (CHARTIER, 1991; PESAVENTO, 2003) e nos Estudos de Gênero (SCOTT, 1990), a pesquisa demonstra que as representações da revista concorriam para a negação das mulheres negras, seja por sua feminilidade “desviante”, seja por sua feiura e subalteridade.

### PALAVRAS-CHAVE

*Mulher negra; Representação; Periódicos*

## INTRODUÇÃO

No Brasil dos anos 1930 e 1940, predominava a ideia de que somente mulheres fortes e fisicamente ativas poderiam gerar a prole nacional sadia e racialmente regenerada. Essa percepção teve ressonância na Revista Educação Physica, que aconselhava às mulheres um trabalho físico capaz de robustecer o corpo sem afetar a feminilidade e a fertilidade feminina. Nesse tocante, Silvana Goellner (2003) nos lembra que o periódico acabou constituindo a mulher branca como parâmetro de beleza, feminilidade e maternidade para o país.

Embora a eleição da mulher branca como “norma” por si só constituísse a mulher não-branca como diferença, este estudo discute sobre as representações da mulher negra na Revista Educação Physica no período de direção técnica de Hollanda Loyola (1939-1944). Ex-membro da Ação Integralista Brasileira (AIB), cujo projeto de regeneração nacional abrangia a tese do branqueamento (CRUZ, 2004), Loyola coordena um editorial que evidencia a mulher negra e nos possibilita pensar acerca dos sentidos atribuídos ao seu corpo em um período em que se creditava às mulheres a regeneração da raça brasileira.



\* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



## PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização deste estudo foram acessadas todas as edições da Revista Educação Physica compreendidas entre setembro de 1939 a junho de 1944, correspondentes ao período de direção técnica de Hollanda Loyola. A coleção completa da revista foi consultada em visita ao Acervo Histórico da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS ESEFID).

Após a leitura das revistas foram identificadas imagens e textos que notabilizam a mulher negra nos exemplares nº 46, 49, 51 e 59, o que nos levou a apoiar este estudo sobre a análise dessas edições. Fundamentada na História Cultural (CHARTIER, 1991; PESAVENTO, 2003) e nos Estudos de Gênero (SCOTT, 1990), esta pesquisa aborda a revista como sendo um espaço de *representação*, o que torna os achados sensíveis à atribuição de sentidos que não necessariamente condizem com os significados que os editores da revista pretendiam imprimir a leitura. Nesse sentido, reconhece as imagens e textos como representações dotadas de potencial para dar a conhecer identidades raciais e generificar os esportes com base na distinção biológica entre os sexos.

## AS MULHERES NEGRAS FORA DA “NORMA”

Nas décadas de 1930 e 1940, coube à Educação Física um importante papel no projeto de engrandecimento socioeconômico da nação. Diante da crença de que somente mulheres fortes poderiam gerar uma raça forte, a Educação Física feminina recebeu particular atenção, sobretudo, frente à ameaça de degeneração racial que pairava sobre a população brasileira, vista como apática, fraca, inapta ao trabalho e sem perfil étnico definido (GOELLNER, 2003; LINHARES, LIMA, OLIVEIRA, 2009).

Mergulhada neste universo sociopolítico, a Revista Educação Physica advogava a beleza e a delicadeza como predicados intrínsecos ao “ser feminino” e a maternidade como dever cívico da mulher brasileira. Para preservar a feminilidade e a fertilidade da mulher, o periódico recomendava exercícios condizentes com a sua “natureza”, contestando qualquer prática que transgredisse o “universo feminino” (GOELLNER, 2003).

À exemplo disso, em 1940 a revista publica os artigos, “Pode a mulher praticar o futebol?”, assinado na edição nº 46 por Hollanda Loyola, e “Por que a mulher não deve praticar o futebol”, escrito por Humberto Baldariny, na edição nº 49. Para Loyola (1940), a mulher poderia praticá-lo desde que fosse adaptado a sua “natureza fisiológica” e não causasse danos a sua constituição estética. Baldariny (1940), por outro lado, se mostrava contrário à prática da mulher, pois acreditava que a condição física do organismo social estaria diretamente relacionada ao corpo feminino sadio e o futebol, entendido como um esporte violento e combativo, poderia prejudicar a saúde reprodutiva da mulher.

Embora os argumentos contrários à inserção das mulheres no futebol, em ambos os textos foram divulgadas imagens de equipes constituídas exclusivamente por mulheres, como a do Cassino Realengo, cujo grupo era integrado por mulheres negras.



**Figura 1:** Equipe do Cassino Realengo – Rio de Janeiro.

**Fonte:** Revista Educação Physica, ed. 46, 1940, p.19.



Distanciada das práticas da dança, da natação e da ginástica, pelas quais o periódico constituía um modo de "ser feminino" ideal: ser bela, ser frágil, ser mãe (GOELLNER, 2003), a revista opta por representar a mulher negra em um esporte estreitamente ligado a um ideal de masculinidade impensado para as mulheres da época: força, virilidade e combatividade. Construída na nega o a qualquer praxe ou atitude que compreende o âmbito masculino, a feminilidade está estreitamente ligada ao "mundo dos homens", sendo criada por ele e no interior dele (SCOTT, 1990). Por esse motivo, a visibilidade da mulher negra no futebol desviava seu corpo da no o de feminilidade ao mesmo tempo em que revelava o caráter inteiramente social da generifica o dos esportes bem como o viés socialmente construído das identidades do homem e da mulher (SCOTT, 1990), ao mostrar que havia outras formas de ser feminina que não apenas àquelas ligadas aos cuidados do corpo e do lar.

Com efeito, no início do século XX, a evidência da mulher negra não esteve restrita ao âmbito privado tampouco a ideia de esposa submissa aos desejos do marido. Muitas dessas mulheres sequer contavam com a presença masculina nos seus lares, tendo de prover seu próprio sustento por meio de variadas ocupa es, especialmente, o trabalho doméstico, dada as condi es de vida a que foram submetidas no Pós-Aboli o (NEPOMUCENO, 2012).

Legada do peri do escravocrata, a rela o da mulher negra com os trabalhos servis foi reforçada pela Revista Educa o Phisica por meio de charges como a publicada na coluna "Bolas", em 1941, na edi o n  59:



**Figura 2:** Bolas.

Revista Educa o Phisica, ed. 59, 1941, p. 74.



De autoria de Darcy, sobre o qual o periódico emite poucas informações, essa charge evidencia uma empregada doméstica negra sob os dizeres, “Aliás: A tal...”<sup>2</sup>. O tom carregado da cor da pele, sobretudo, na relação com as outras ilustrações, demonstra o intuito de satirizar a mulher negra fazendo uso da cor como signo da “raça” e da sua “[...]” posição subalterna na divisão hierárquica do trabalho [contribuindo] para confinar os membros do grupo racial subordinado àquilo que o código racial da sociedade define como seus lugares apropriados [...]” (HASENBALG, 1979, p.83). Portanto, essa charge reproduzia um modo consensual de ver a mulher negra nas primeiras décadas do século XX e como representação do mundo social, fazia reconhecer uma “identidade” (PESAVENTO, 2003) constituída mediante a perspectiva política da revista e dos seus colaboradores.

Mesmo que as tarefas do lar fossem concebidas pelo periódico como basilares à constituição da mulher “ideal”, encarregada dos trabalhos domésticos e dos cuidados maternos, essa charge, ao invés disso, denota um modo racista e estereotipado de circunscrever a imagem da mulher negra aos espaços de subordinação e de “[...]” exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição [...]” (CHARTIER, 1991, p. 183).

A negrura da caricatura ainda servia para sedimentar a invisibilidade da mulher negra nas representações de beleza feminina potencializadas pela revista, já que “[...] a mulher para ser bela deve ter [...] três cousas brancas: a pele, os dentes e as mãos” (LOYOLA, 1939, p. 33). Esse padrão eurocêntrico de beleza encontrou na estética clássica de Afrodite e Vênus de Milo expressões supremas de beleza feminina almejadas pela revista à mulher brasileira (KEHL, 1940), tornando impensadas outras formas de conceber o belo.

Embora tenha apresentado a brancura da pele como parâmetro de beleza, Loyola advertia que a percepção do belo poderia variar conforme as épocas, os climas e as raças, pois, a “[...] Venus dos hotentotes, com as suas fôrmas avantajadas, desproporcionais e patológicas constitue para esse povo uma beldade insubstituível [...]” (LOYOLA, 1939, p. 33).

Entretanto, ainda que reconhecesse a Vênus Hotentote<sup>3</sup> como um modelo distinto de beleza, essa possibilidade era colocada de forma discutível e oposta a brancura e a simetria física que abrangiam o padrão de beleza sustentado pela Revista Educação Physica. Ao invés disso, a “anormalidade” física da Vênus Hotentote somava-se a negrura e a feminilidade “desviante” da mulher negra para dar estabilidade a posição privilegiada da mulher branca, vista como possibilidade única de beleza, feminilidade e reprodução da “nova raça” nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto sociopolítico que atribuía à mulher o dever cívico de regenerar a raça nacional, a Revista Educação Physica, durante a direção técnica de Hollanda Loyola (1939-1944), disseminava representações que reconheciam a mulher negra por sua feminilidade “desviante”, desproporção física e subalternidade. Constituir a mulher negra como um “desvio da norma” foi uma estratégia habilmente empregada pelos editores da revista para justificar a eleição da mulher branca como emblema de beleza, feminilidade e maternidade para o Brasil.



<sup>2</sup> Na edição nº 51, a coluna Bolas, com a temática “Fantasias para o carnaval”, já havia veiculado a mesma charge com o enunciado, “Ciclismo (domésticas de Copacabana) Fantasia ou realidade?”.

<sup>3</sup> Sara Baartman, também conhecida como Vênus Hotentote ou Vênus Negra, nasceu no Sul da África no final do século XVIII. Capturada de junto do povo Khoisan, Sara foi exibida como “aberração” na Europa devido às particularidades do seu corpo. A esse respeito indicamos (FERREIRA; HAMLIN, 2010).



## REPRESENTATIONS OF THE BLACK WOMAN IN THE JOURNAL EDUCAÇÃO PHYSICA (1939-1944)

### ABSTRACT

This study proposes some reflections on the representations of black women in the Revista Educação Physica in the period of technical editing of Francisco de Assis Hollanda Loyola (1939-1944). Based on Cultural History (CHARTIER, 1991; 2002; PESAVENTO, 2003) and Gender Studies (SCOTT, 1990), the research demonstrates that the magazine's representations contributed to the denial of black women, whether for their "deviant" femininity, or for their ugliness and subalternity.

**KEYWORDS:** *Black woman; Representation; Newspapers.*

## REPRESENTACIONES DE LA MUJER NEGRA EN LA REVISTA EDUCACIÓN PHYSICA (1939-1944)

### RESUMEN

Este estudio propone algunas reflexiones sobre las representaciones de la mujer negra en la Revista Educação Physica en el período de edición técnica de Francisco de Assis Hollanda Loyola (1939-1944). Con base en la Historia Cultural (CHARTIER, 1991; 2002; PESAVENTO, 2003) y en los Estudios de Género (SCOTT, 1990), la investigación demuestra que las representaciones de la revista concurrían a la negación de las mujeres negras, sea por su feminidad "desviadora", sea por su fealdad y subalternidad.

**PALABRAS CLAVES:** *Mujer negra; Representación; Revistas.*

### REFERÊNCIAS

- BALLARINY, H. Porque a mulher não deve praticar o futebol. *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, ed. 49, p. 36-52, 1940.
- CHARTIER, R. *O mundo como representação*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, p. 173-191, 1991.
- CRUZ, N. R. *O Integralismo e a Questão Racial. A Intolerância como Princípio*. 2004. 281 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.
- FERREIRA, J.; HAMLIN, C. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre os corpos não civilizados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 811-836, 2010.
- GOELLNER, S. V. Bela, maternal e feminina, imagens da mulher na revista *Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- HASENBALG, C. A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- KEHL, R. A beleza feminina: raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas. *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, ed. 41, p. 16-17, 1940.
- LINHALES, M. A.; LIMA, D. M. D.; OLIVEIRA, L. T. Médico e educadores na seção de Educação Physica e Higiene da Associação Brasileira de Educação. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16., 2009, Salvador. *Anais...*, Salvador, 2009, v 1 s/p.
- LOYOLA, H. Pode a mulher praticar o futebol? *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, d.46, p.18-20, 1940.
- \_\_\_\_\_. Educação física e beleza feminina. *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, ed. 37, p. 32-33, 1939.
- NEPOMUCENO, B. Mulheres negras: protagonismo ignorado. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 382-409.
- PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-21, 1990.

